

O papel do repórter nos programas que unem entretenimento e informação: estudo do quadro Proteste Já do CQC¹

Paula Regina PUHL²

Dionéia PERSCH³

Universidade Feevale, Novo Hamburgo, RS.

RESUMO

O artigo tem como finalidade verificar o papel e as características do repórter televisivo em programas que unem informação e entretenimento. Dessa forma, será analisado o quadro Proteste Já do programa Custe o Que Custar (CQC) veiculado na Rede Band de Televisão, às segundas-feiras. São analisados 3 edições do mês de agosto de 2011, tendo como método Análise de Som e Imagem de acordo com Rose (2002). Acredita-se que esses novos formatos de programas que unem diferentes gêneros, possibilitam uma nova tendência no telejornalismo, que valoriza os bastidores da produção, destaca a opinião e a proximidade entre jornalista e fonte. O repórter televisivo, não é mais somente mediador e sim é reconhecido como agente fundamental para a caracterização do formato e do gênero do programa, devido a maneira como conduz e apresenta ao telespectador a reportagem.

Palavras-chave:

Telejornalismo; Repórter; Infotainment; Entrevista.

1. Os critérios de noticiabilidade na televisão

Atualmente é percebida na programação da televisão brasileira aberta a veiculação de programas jornalísticos que prezam os critérios de notícia, mas os apresentam a partir de linguagens oriundas de produtos voltados ao entretenimento como: humor, quiz show, enquadramentos e iluminação utilizada pelos filmes, a fala mais coloquial, a necessidade de mostrar o que está por trás das câmeras, etc..

Dessa forma, torna-se pertinente investigar a relação entre os critérios de noticiabilidade e a função do repórter, em programas que unem jornalismo e entretenimento. Além de ter como objetivo principal a publicação da sua notícia, o repórter deve pensar a matéria jornalística, tendo em vista pelo menos alguns elementos que devem compor o texto jornalístico citados por Lage (2001b), são eles: verificar corretamente as informações, a procedência das fontes, os critérios de importância ou interesse e a organização da informação.

¹ Trabalho apresentado no GP Telejornalismo, XII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Doutora em Comunicação Social, professora do Mestrado em Processos e Manifestações Culturais e do Curso de Jornalismo na Feevale/RS. E-mail: ppuhl@feevale.br

³ Graduada em Jornalismo em 2011 na Universidade Feevale.

Além de considerar a conceituação de Lage referente a notícia, é importante estar atento às características do texto televisivo e ao número expressivo de telespectadores que o veículo televisão atinge. A televisão, principalmente nos programas informativos, recorre geralmente, a presença de um “personagem- fonte” e o trata como um fio condutor da narrativa para contar a história e destacar o fato principal que constitui a notícia. No entanto, o costume é ver rápidos depoimentos, sem aprofundamento nos telejornais diários.

A escolha da melhor fonte é responsabilidade da produção/repórter, já que será o depoimento dela que irá legitimar as informações citadas na matéria jornalística, ou ainda irá fazer com que o público se identifique com o sujeito a partir do despertar do sentimento. Tudo irá depender da condução do repórter e a sua sensibilidade em contar uma história interessante, a partir e com a sua fonte.

A preocupação em definir o que faz um fato tornar-se notícia na TV tem despertado o interesse de diversos pesquisadores, como Vizeu (2005), que acredita que o conjunto de elementos que definem a noticiabilidade do acontecimento estão relacionados conforme os processos rotineiros das práticas produtivas das redações. E como componente da noticiabilidade para o autor são os valores/notícia que definem as características mais interessantes e significativas do fato para serem transformados em notícia. Ou seja, como explica Vizeu (2005), as diferentes relações e combinações que se dão entre os diferentes valores/notícia são os fatores determinantes na seleção de um fato.

E quem organiza e apresenta os fatos é o repórter, é ele o responsável em conduzir a notícia, como o agente da mensagem. O público ainda considera uma boa matéria, aquela que o repórter está no local, confrontando diferentes posicionamentos e apresentando versões que permitem a melhor orientação do espectador.

O repórter deve estar onde o seu público não pode estar, pois estando no local do fato tem mais condições de selecionar o que é ou não relevante, pelo fato de estar vivenciando as reações das pessoas envolvidas. Esse processo produtivo diferencia uma reportagem viva de um relato construído. Esse pensamento é preservado também por Dantas (2004, p.10), “um bom repórter pode ser, por exemplo, aquele que é capaz de contar bem um fato ocorrido na esquina de sua rua. Ou, em outro extremo, aquele que vai até o fim do mundo no encalço de uma boa história.

Além dessas características para compor uma reportagem, o repórter necessita de fontes para confrontar versões, buscando a verdade mais próxima da realidade. Conforme Lage (2001a, p. 133). “todo repórter, (...) já sentiu o desejo de ir adiante, fucar papéis e

arquivos em busca de verdade mais completa, menos tendenciosa ou mais conforme o desejo de saber do público”. Para Lage (2001a, p. 138) o jornalismo investigativo é definido como a forma extrema de reportagem, “trata-se de dedicar tempo e esforço ao levantamento de um tema pelo qual o repórter, em geral, se apaixona”.

Essas características são encontradas no nosso objeto de estudo o programa CQC, principalmente no quadro Proteste Já como veremos posteriormente, no entanto antes é necessário fazer uma breve incursão sobre a influência do gênero e do formato na prática jornalística televisiva, para, em seguida apresentar mais detalhadamente o objeto e assim proceder a análise.

2. O Gênero e o formato como guia da notícia: o programa CQC

Além dos critérios de noticiabilidade e o papel do repórter como mediador e narrador dos acontecimentos também é necessário estar atento ao gênero do programa televisivo e ao formato adotado, por esse motivo esse estudo irá adotar os conceitos de Souza (2004) a cerca dessas nomenclaturas e seus significados na televisão brasileira. O autor ressalta que os estudos sobre os gêneros devem ser relacionados com aspectos históricos e culturais. Eles podem ser entendidos como estratégias de comunicabilidade, fatos culturais e modelos dinâmicos, articulados com dimensões históricas. Sobre formato, o autor aponta que é o meio para identificar a forma e o tipo de produção de um gênero. Os gêneros de programas, que trabalham com a informação e a notícia, como o debate, jornais e entrevistas, receberam novos formatos na televisão, respeitando o que esse veículo oferece de diferente do rádio e da mídia impressa, que é a imagem. Segundo Souza (2004) existem três categorias que abrangem a maioria dos gêneros: entretenimento, informativo e educativo.

Na categoria informação, conforme Souza (2004) vamos encontrar o debate, o documentário, a entrevista e telejornal, sendo esse último, o que tem a notícia como produto principal. O autor lembra que os programas da categoria informação poderiam estar representados pelo telejornalismo, onde, cada vez mais, encontramos a união das linguagens vindas do entretenimento, de acordo com os estudos de Itania Gomes (2008). Ela sugere que essa ação seja vista pelo conceito de *infotainment*, considerado um neologismo que une informação e entretenimento e tem sido vista em diversos programas da televisão brasileira. Para a autora o uso do *infotainment* serve como captador da audiência, por usar técnicas da linguagem audiovisual voltada à ficção para chamar a atenção do telespectador.

Segundo Fábria Angélica Dejavite (2006, apud Luiz, 2010), trata-se de um conteúdo editorial que fornece informação e diversão ao telespectador e, ao mesmo tempo, constitui uma prestação de serviço. Para Gutmann (2008), a cultura visual e o uso do humor podem ser ferramentas importantes para a conversação política, bem como para a formação crítica do telespectador.

O objeto de estudo desta pesquisa, o programa *Custe O Que Custar*, da Rede Bandeirantes, é um exemplo desta forma alternativa de produto televisivo. O CQC, como é conhecido, é transmitido pela Band nas segundas-feiras, a partir das 22h15 e com reprise aos sábados às 21h.

Conforme o site (Band online)⁴ o formato, que é uma criação da Eyeworks-Cuatro Cabezas, já fazia sucesso em outros países e conquistou também os brasileiros pela irreverência e o humor inteligente. Trata-se da versão brasileira do programa argentino *Caiga Quien Caiga*, que em uma tradução livre pode ser interpretado como “que caia quem tiver de cair”. Na Argentina, o programa está no ar há mais de dez anos. No Brasil, sua estreia foi em março de 2008.

A versão brasileira, a exemplo do modelo original, busca confrontar e questionar as pessoas, sempre fazendo uso do humor, abordando os entrevistados com perguntas fora do padrão estabelecido para reportagens e entrevistas jornalísticas.

Conforme Luiz (2010), não se trata, apenas, de um programa de humor, o CQC faz jornalismo também. Ou seja, o programa alia a crítica e a veiculação de assuntos de interesse social com a irreverência do comediante. Segundo revela, isso confere ao *Custe O Que Custar* uma face peculiar e alternativa.

Já para Acselrad e Faço (2010), o grande diferencial do CQC é que apresenta os fatos políticos, artísticos e esportivos da respectiva semana com pitadas satíricas e humorísticas, brincando com as informações. Conforme relatam, o programa é fruto de tempos hipermodernos, exibindo uma maneira bem humorada de discutir os acontecimentos do país. Para eles, com isto, é possível despertar o interesse para a vida social e política, fazendo com que o cidadão volte a debater e a participar, ativamente, da política.

O quadro de características diferenciadas do CQC é ampliado com a contextualização dos autores Gutmann, Santos e Gomes (2008). De acordo com eles, entre as principais marcas estão as reportagens performáticas, o jogo de sentidos criado por

⁴ Disponível em <http://cqc.band.com.br>. Acessado em 10 de outubro de 2011.

manipulações videográficas e o modo irônico como discute os fatos cobertos pela grande imprensa. O que também chama a atenção é o uso da sátira feita por personalidades públicas e a paródia das produções e processos televisivos, num jogo de permanente intertextualidade.

Estas referências citadas pelos autores aparecem logo na abertura do programa. Eles destacam que isso pode ser percebido por meio de diversas associações a conceitos da cultura pop. A espontaneidade é outra característica forte, usada em diferentes momentos pela equipe. Além disso, nas reportagens, os apresentadores do CQC utilizam recursos do entretenimento, como por exemplo, a fantasia e o humor. Características do jornalismo também são encontradas nos quadros do CQC, como por exemplo, assuntos de relevância, interesse público e factualidade.

Para Antônio Brasil (2008), o apresentador Marcelo Tas e a versão do CQC comprovam que ainda é possível fazer uma TV inteligente e ousada. Ele destaca que o programa é certamente mais do que um mero programa de humor. Segundo afirma, em um mundo pós-moderno onde tudo se mistura, tudo se confunde e nada faz sentido, talvez ali esteja o futuro dos telejornais.

O CQC alia entretenimento e notícias a fim de levar ao público informações do dia a dia e também propiciar descontração e entretenimento. Com o objetivo de noticiar, chamar a atenção e fazer críticas, o programa reforça a produtiva e polêmica relação entre jornalismo de televisão e entretenimento⁵.

2.1 Proteste Já : o repórter como agente da notícia e o humor como linguagem

Recorte do objeto de estudo desta análise, o quadro Proteste Já mostra problemas gerais em comunidades de todo o Brasil, como por exemplo, obras públicas não finalizadas, transporte precário e mau atendimento. Já passaram pelo quadro, os repórteres Rafinha Bastos⁶, Danilo Gentilli, Oscar Filho, entre outros. Para Carneiro e Nilo (2010) este é o quadro em que os valores do jornalismo, como instituição social, são mais facilmente identificados.

No quadro, o repórter do CQC faz cobertura de problemas diversos das cidades. Ele se desloca até o local do fato, conversa com pessoas envolvidas, inclusive autoridades, a fim de expor o acontecimento e cobrar um posicionamento. Também faz com que o responsável se comprometa a mudar a situação. Posteriormente, o repórter volta ao local do

⁵ Mais informações sobre os quadros do programa acesse em: <http://cqc.band.com.br> .

⁶ O apresentador saiu do programa no final de 2011.

ocorrido para ver o que mudou. Para Carneiro e Nilo (2010), o Proteste Já apresenta, com clareza, a vinculação do programa com alicerces do jornalismo, como por exemplo, responsabilidade social e interesse público.

Neste sentido, é possível, segundo as autoras, observar que o quadro do programa da Band, indaga, protesta e se compromete. Elas afirmam que trata-se de um jornalismo contundente em suas críticas e cobranças políticas, para o qual o humor ou a paródia funcionam como estratégias adequadas.

O tom investigativo é outra característica do quadro, que também apresenta o uso de referências audiovisuais. Esta estratégia, segundo Carneiro e Nilo (2010), visa remeter sentido a uma personalidade política, com o objetivo de fazer comparação, crítica e humor. Além disso, as autoras revelam que animações gráficas, como nariz de palhaço, são usadas durante o quadro para explicar melhor e fazer com que o discurso jornalístico fique mais claro e atrativo para compreensão do telespectador.

2. O Repórter e a notícia na TV

Após apresentar as características e particularidades do Programa e do quadro Proteste Já surge o questionamento sobre as práticas do repórter televisivo que conduz a informação seguindo esse gênero e o formato. Lembrando que Curado (2002) diz que o repórter de tv é quem dá o ritmo, discute as necessidades do trabalho em campo, apura e reúne as informações, faz as entrevistas e prepara o texto da reportagem. Já Pierre Ganz (1995) afirma que o repórter é o olho e o ouvido do público, ele é a testemunha privilegiada, que deve levar, por meio de imagens e som, os ouvintes ou telespectadores até o local da ação.

Mas o repórter também é o intermediador entre o público e o acontecimento. Ivor Yorke (2007) complementa esta definição quando destaca que são os repórteres que conseguem a matéria, conduzem as entrevistas e gravam cenas. De acordo com Curado (2002), para aparecer no vídeo, ter uma participação ao vivo ou gravada nas reportagens jornalísticas, o repórter precisa desenvolver empatia com a audiência, a fim de conquistar credibilidade na sua comunicação. Quanto mais apurar, melhor será a apresentação e compreensão da notícia. Charon (1995) revela que o repórter deve ser um mediador neutro, mas exigente e, por vezes, implacável. Ele também deve ter bons conhecimentos sobre o assunto que será abordado na entrevista, como saber enquadrá-la em um quadro claramente definido em relação à atualidade.

4. Análise dos quadros

O método proposto por Diana Rose (2002) para a análise de imagens em movimento foi adotado para a coleta e tratamento dos dados do quadro Proteste Já. Trata-se de uma forma específica para produtos audiovisuais, que segundo a autora, tem uma aplicação mais geral, porque abrange um conjunto de conceitos e técnicas que servirão de orientação para a análise. Conforme revela, meios audiovisuais são uma fusão complexa de sentidos, imagens, técnicas, composição de cenas, sequências de cenas e muito mais. Por isso, ela destaca que é fundamental levar em consideração esta complexidade, quando se executa uma análise de seu conteúdo e estrutura.

Rose (2002) admite que não há um modo específico para coletar, transcrever e codificar um conjunto de dados. O importante, segundo Rose (2002), é ser claro o suficiente a respeito dos recursos utilizados para os modos de seleção, transcrição e análise de dados. O primeiro passo a ser dado, como destaca, é fazer uma amostra e selecionar o material. Conforme a autora, um procedimento comum na seleção de programas é fazer uma ampla varredura do que é apresentado no tempo nobre, para depois tomar um tópico de interesse que fora apresentado.

Dentro do processo de seleção, segundo Rose (2002), há dois passos a serem seguidos. O primeiro deles é a definição do período e da quantidade de material apresentado em tempo nobre que precisa ser registrado. Feito isso, o passo seguinte, conforme revela, é a seleção de extratos que contextualizem o tema estudado.

Desta forma, após acompanhar o programa CQC foi feito o recorte e a escolha do quadro Proteste Já. Este quadro foi escolhido por apresentar muitos traços jornalísticos em seu conteúdo, ao mesmo tempo em que usa características de entretenimento.

Feita a escolha, o próximo passo, segundo Rose (2002) é transcrever o material a ser analisado. De acordo com a autora, a transcrição tem como objetivo gerar um conjunto de dados que se preste a uma análise cuidadosa e a uma codificação. Isso para simplificar a imagem complexa da tela.

Rose (2002) observa que é importante o pesquisador decidir sobre a unidade de análise, que pode ser uma linha, uma sentença ou um parágrafo. Assim, a unidade está baseada na fala. Além disso, levando em consideração a importância dos aspectos não verbais dos textos audiovisuais, a unidade de análise com base no visual também será levada em conta.

No caso do Proteste Já, foram escolhidos os quadros exibidos no mês de agosto de 2011. No total, foram apresentados cinco programas. Entretanto, na edição do dia 1º não foi exibido o quadro Proteste Já, por ser um programa especial, que contou com a participação do apresentador José Luiz Datena, e a edição do dia 8 foi comemorativa, devido à apresentação de número 150 do CQC. Por lembrar a história do quadro, bem como apresentar os melhores e os piores momentos do Proteste Já, o quadro desta data não será analisado.

Desta forma, a análise compreenderá três quadros do mês de agosto de 2011. Como o quadro apresenta características semelhantes, em uma amostragem maior os resultados seriam parecidos. Como forma de auxílio para a compreensão do conteúdo e da linguagem das matérias, algumas falas, que mesclam a informação com características de programas de entretenimento e humor.

O material das edições foi captado no site youtube. Este procedimento foi adotado em função da Rede Bandeirantes disponibilizar as edições no portal do CQC, porém não disponível para downloads, enquanto na plataforma do youtube foi possível.

4.1. Análise no quadro Proteste Já

A seguir serão analisadas as edições do Proteste Já dos dias 15, 22 e 29 de agosto de 2011, considerando a relação entre repórter e fonte e, as características do *infotainment* e por fim, serão apresentadas alguns pontos sobre o papel do repórter em programas com o mesmo estilo do CQC.

Serão apresentadas as sinopses sobre os assuntos tratados nos quadros escolhidos. E, em seguida, a partir de estratos das falas⁷ que fazem parte do quadro, irá se proceder a análise das edições.

Quadro 1 – dia 15 de agosto de 2011.

Duração total: 1h09'74''

Duração do Proteste Já: 10'15''

Descrição da notícia: Oscar Filho vai até o bairro Jardim Zaíra, em Mauá, interior de São Paulo, para conferir a situação dos moradores, atingidos por enchentes em janeiro. Para expor o fato, ele conversa com várias pessoas que vivem a realidade, também busca informações na Prefeitura, onde é atendido pelo secretário de Serviços Urbanos Severino Manoel da Silva.

⁷ As falas retiradas dos quadros analisados serão apresentadas em itálico para que se diferenciem do restante do texto.

Quadro 2 – dia 22 de agosto de 2011.

Duração total de programa: 1h16'02''

Duração do Proteste Já: 10'24''

Descrição da notícia: O repórter Oscar Filho vai à Itatiba, 70 quilômetros da capital de São Paulo, para apresentar problemas criados com a implantação de um pedágio no meio do município. O pedágio se localiza entre o Centro e seis bairros, sendo que o valor por veículo de passeio é de R\$ 2 ida e R\$ 2 a volta. Oscar Filho conversa com moradores, comerciantes e empresários que apontam as dificuldades. O repórter ficou uma semana no local para encontrar uma solução.

Quadro 3 – dia 29 de agosto de 2011.

Duração total de programa: 1h03'59''

Duração do Proteste Já: 10'7''

Descrição da notícia: Oscar Filho vai até sua cidade-natal, Atibaia, onde uma ponte, que liga o Centro a um bairro industrial, foi arrancada pela força da chuva, em janeiro. Depois de meses, as pessoas seguem sem o acesso e são obrigadas a passar por uma ponte alternativa, que segundo a municipalidade, deve ser interditada por não suportar o tráfego. Além de conversar com moradores e pessoas que por ali trafegam, o repórter faz contato com a Prefeitura. Oscar Filho é recebido pelo chefe de gabinete Daniel Martini. Daniel revela que a administração buscou recursos federais para a construção da nova ponte e destaca que as obras do acesso devem iniciar no final de setembro e se estender por, aproximadamente, 60 dias.

4.1.1 Relação entre repórter e fonte

Em um quadro como o Proteste Já é fundamental o reconhecimento legítimo do repórter por suas fontes, já que é preciso ter a confiança delas para que se possa ter acesso às informações/ denúncias por intermédio da entrevista.

Medina (2000) diz, quando se trata de comunicação, a entrevista não pode estar fixa a um questionário, pois esta frustra o receptor. Ela defende a importância do diálogo na relação entre repórter e fonte, porque isto confere à entrevista mais emoção e autenticidade. Cabe aqui citar o trecho do quadro do dia 29: *“(Oscar Filho) Por que o senhor tá fazendo esse caminho aqui, hein? (fonte) Olha, eu sou, eu não conheço aqui o local e tenho que ir numa empresa aqui próximo, ok? (Oscar Filho) Entendi, daí você veio aqui, viu que tava*

fechado, viu que tem uma vielinha e tem que fazer a vielinha e enfiar o carro na lama, porque ta caída a ponte. (fonte) É o que acontece.”

Ainda com o objetivo de apurar os fatos, o que se torna notável é o cunho investigativo do quadro Proteste Já. Fato que comprova isso é a quantidade de fontes consultadas, a fim de buscar a verdade mais próxima da realidade. No quadro, por vezes, é notada. Como no caso do quadro do dia 22: *“Depois de uma semana tentando resolver esse problema, formos até a Prefeitura, demos de cara com a porta da Rota das Bandeiras e conseguimos falar com a Artesp...”*

Por outro lado, ao analisar as edições do quadro do CQC, o que chama a atenção durante a entrevista é a proximidade do repórter com as fontes. De acordo com Puhl (2010) esta é uma característica que integra a mudança, ou o aprimoramento do jornalismo. Para a autora, o sentimento é um diferencial na apresentação de fatos, pois se acredita que, por meio da exposição das emoções, é falado o que realmente se pensa.

Para exemplificar este conceito, cabe aqui citar um estrato da edição do dia 15: *“(repórter) Nesse momento eu estou no meio da cozinha do prima da dona Sônia (...) Arrancou teto, arrancou muro. Isso daqui era uma sala. Foi tudo destruído, não é dona Sônia? (fonte) Tudo destruído (...) Minha mãe estava aqui, meus sobrinhos. Minha mãe colocou meus sobrinhos em cima da cama, meu pai estava ali. Foi questão de segundos. A água veio e automaticamente a parede caiu, não comportou. Ela tombou.”*

Neste trecho também pode ser observada a contextualização feita pelo repórter com o objetivo de transmitir uma informação clara e de fácil compreensão. A proximidade entre repórter e fonte também pode ser notada no seguinte trecho do quadro do dia 29: *“(Oscar Filho) Dá certeza pra gente, dá. (Daniel Martini – chefe de gabinete) Pode voltar aqui, pode cobrar, que vai ta pronto lá com certeza.”*

Outra característica, a parcialidade, que não é bem vista nos manuais de telejornalismo pode ser notada ao analisar as edições analisadas. Conforme explica Charon (1995), o repórter necessita ser um mediador neutro, mas implacável. Entretanto, no caso do Proteste Já, ao analisar estas matérias, percebe-se, em partes, a que o repórter Oscar Filho toma partido junto com as fontes.

Como exemplo pode ser citado um trecho do quadro do dia 29, quando o repórter opina sobre a situação. *“(Oscar Filho) Eu acho um absurdo o que está acontecendo aqui na cidade onde eu nasci, Atibaia. Eu sou um cidadão dessa cidade. E também sou uma celebridade (vaias ao fundo).”* O repórter vai além e nomeia o atalho com o seu nome.

“(Oscar Filho) E até hoje também ninguém nunca me batizou com o nome de uma rua. Então eu vou usar esse atalhozinho pra eu colocar meu próprio nome aqui. Segura aí pra mim (levanta uma placa com a inscrição “rua Oscar Filho – joga o microfone e fixa a placa – câmera foca a placa e, ao fundo, roda música de vitória).”

Outro exemplo dessa parcialidade é visto no trecho da matéria do dia 15. Neste caso, Oscar Filho toma partido e destaca que a situação necessita de uma solução. *“(repórter apontando para a miniatura) É porque assim, a gente não quer que a casa das pessoas fique assim como ficou no começo desse ano.”*

Por intermédio dessa breve análise com foco na relação entre repórter e fonte., nota-se que sendo uma tendência ou não para o futuro jornalismo, o quadro explora com facilidade a proximidade entre ambos, sendo esta apenas uma das características mais contrastante com o jornalismo tradicional.

4.1.2 As características do *Infotainment*

Dada a importância da TV como meio de comunicação de massa, na busca de garantir altos índices de audiência, emissoras apostam em novas alternativas de programas televisivos.

Além de informar, o Proteste Já busca chamar a atenção do telespectador para situações do dia a dia, isto por meio de animações, sons e manipulações videográficas. Como por exemplo, neste trecho do quadro do dia 15: *“(Geny de Almeida) Subimos todos lá para cima, a família inteira. Todo mundo. Se ficasse aqui...(efeito de água na tela com peixinhos...) a água tava até aqui, néh (mostrando até o pescoço). Se a gente ficasse aqui morreria afogado mesmo.”*

Estas marcas também são vistas durante a entrevista com outra fonte, conforme o trecho a seguir: *“(Sônia Avelaneda – enquanto fala, há um efeito de lágrimas) Promessas e promessas... Promessas que vai construir lá no CDHU, no Jardim Frical, que é um bairro próximo daqui. E até agora, nada foi feito.”*

Além das manipulações videográficas, também são usadas animações como nariz de palhaço e “fuzilamento entre olhares”. Como exemplo pode ser citado um estrato do quadro do dia 29, durante a conversa entre o repórter Oscar Filho e o chefe de gabinete Daniel Martini. *“(Oscar filho) Apesar de estarmos na cidade das flores e dos morangos, nem tudo são morangos aqui, não é mesmo? (Daniel) Olha, mas tem muita flor e muito morango (aparece nariz de palhaço em Daniel e som de corneta ao fundo)”. Já no caso do “fuzilamento”, cabe citar um trecho da edição do dia 15, na conversa entre Oscar Filho e o*

secretário de Serviços Urbanos. *“(Oscar Filho) Quando isso daqui aconteceu, porque é muito chato a pessoa receber isso daqui...Aí (derrama na mesa água suja e deixa a garrafa cair – aparece uma animação do secretário fuzilando o repórter com os olhos) ... mas foi isso que aconteceu. (há vozes no fundo e também uma risada). Teve uma morte lá também, um óbito teve lá também. Eu queria saber o quanto a Prefeitura ta levando isso a sério?”*

Como também pode ser notado neste trecho, o repórter costuma ilustrar/encenar a informação para que seja melhor compreendida. Neste caso, ele levou até a secretaria uma casinha de boneca para mostrar como a água invadiu as casas do bairro Jardim Zaíra.

Ainda que tenha uma proximidade com o telejornalismo nas temáticas, na linguagem e até na estética, o diferencial do CQC também se evidencia na abordagem das matérias e, sobretudo, nas entrevistas, que privilegiam o humor por meio de perguntas irreverentes e criativas. Pela iniciativa, busca-se deixar os entrevistados constrangidos e, eventualmente, irritados. Estas situações são reforçadas por efeitos de imagem, como no caso do quadro do dia 22, na conversa de Oscar Filho com o gerente de comunicação da Artesp, Eduardo Reina. *“(Oscar Filho) Poxa vida. Bom, primeira coisa de tudo, você sabe porque a gente ta aqui, néh? A gente vai falar sobre o pedágio que ta ali entre Jundiá e Itatiba. (animação: gerente de comunicação fica vermelho e algo desce pela sua garganta como que se tivesse que engolir algo). A primeira coisa que eu gostaria de saber é se esse pedágio ta no lugar correto?”*

Além disso, o humor é usado como instrumento de fomento à discussão. Isto é feito por meio de questionamentos ousados e irônicos, bem como cobranças de atitudes e explicações. Segundo Brasil (2008), a proposta do CQC, retoma às origens mitológicas do jornalismo, os jornalistas usavam o humor e a falsa insanidade para falar a verdade.

Cabe aqui destacar um estrato do quadro do dia 15, durante a conversa de Oscar Filho com o secretário de Serviços Urbanos Severino Manoel da Silva. *“(Oscar Filho) Teve uma morte lá também, um óbito teve lá também. Eu queria saber o quanto a Prefeitura ta levando isso a sério? (Severino) Tamo levando a sério, tanto que tamo preparando, já pra iniciar um trabalho de limpeza do rio Corumbé, justamente com esta preocupação.”*

Outro trecho que comprova esta ousadia do Proteste Já é o trecho extraído do quadro da edição do dia 29. *“(Oscar Filho) Apesar de estarmos na cidade das flores e dos morangos, nem tudo são flores aqui, não é mesmo?”* E, com o objetivo de provocar uma atitude do entrevistado, o repórter fala: *“Opa, beleza, então vamos lá agora, mas e as obras*

da ponte, como vão ficar?” Além disso, após a explicação do chefe de gabinete a respeito das obras na ponte, Oscar Filho ainda pede para que ele confirme a realização da melhoria. Após a confirmação do representante do poder público, há uma animação de carimbo, de compromisso fixado com a comunidade e também com o Proteste Já.

Estas intervenções e manipulações videográficas são repetidas com frequência na apresentação dos quadros o que gera uma comunicação com o público, que ao ser envolvido com as novidades, já aguarda novas intervenções.

Outra característica notada ao analisar as matérias, é que o quadro se baseia em reportagens em tom investigativo, pautadas por denúncias. Neste caso, o Proteste Já reforça a importância da participação do telespectador. Tanto na abertura do quadro, como no fechamento, alguém da bancada, geralmente Marcelo Tas, chama a atenção do público para que encaminhe sugestões de matérias a serem desenvolvidas. Também coloca o contato à disposição para o acompanhamento da situação.

Breves considerações sobre um novo perfil do repórter televisivo

Uma análise de cenário macro necessita sempre de um foco. Nesse estudo pretendeu-se verificar o papel e as características do repórter televisivo em programas que unem informação e entretenimento, porém foi escolhido como recorte, para essa discussão, o quadro Proteste Já para que fosse possível analisar características desse novo gênero e do seu formato, que está cada vez mais sendo encontrado em programas de telejornalismo, se distanciando dos modelos dos telejornais e de programas de entrevista tradicionais.

Para tratar os dados o uso de uma metodologia traça o caminho da pesquisa e por isso a proposta de Rose (2002) colaborou para o tratamento e a apresentação das informações do quadro em destaque, juntamente com as categorias de análise elencadas como - relação entre fonte e repórter e as características do *infotainment*, a fim de colaborar com o objetivo principal do estudo.

Por intermédio dessas categorias pode-se inferir alguns apontamentos sobre um novo perfil do jornalista de televisão que precisa unir a imagem e o texto para atrair e levar a notícia aos telespectadores, que a cada dia são mais exigentes e estão à busca de novidades na programação televisiva. Em relação ao formato da reportagem, matéria prima do jornalismo, notou-se matérias mais longas e com mais aprofundamento, algo que normalmente não é encontrado nos telejornais. Isso demonstra uma modificação na rotina de produção do telejornalista, ele não é mais aquele que só aparece na matéria durante o

boletim e sim ele é o agente da notícia, está frente a frente com a fonte. Além de estar no local, ele está no vídeo ele aparece conduzindo, instigando os entrevistados e ainda opina sobre o assunto que está cobrindo e dialoga "ao vivo" com as diferentes fontes perante aos telespectadores, construindo assim a sua legitimidade enquanto interlocutor. Ele está no local para prestar serviço a uma comunidade, para denunciar e além disso se compromete com as fontes em trazer a solução dos problemas, provocando também a consciência crítica da audiência.

Esse "novo" telejornalista pode contar com efeitos videográficos para destacar, ainda mais, a sua opinião e do programa que faz parte, e por isso, o seu texto não é mais tão objetivo e curto, e sim é pensando juntamente com as imagens que pretende mostrar como forma de reforçar o tom que pretende com a reportagem que está cobrindo.

Por fim, verifica-se que algo está em transição no comportamento e na rotina do repórter, ele precisa estar sempre revendo a sua condição e a sua função a cada reportagem, considerando os critérios de noticiabilidade e o gênero e o formato do programa do qual ele faz parte, pois eles serão balizadores da sua rotina de trabalho.

Referências Bibliográficas

ACSELRAD, Márcio; FAÇO, Katiuska Macedo. **Quem ri por último ri melhor?** Uma análise do humor na hipermodernidade a partir do programa Custe o que Custar. Revista Famecos, Porto Alegre, v.17, p.54-64, janeiro/abril. 2010. Disponível em: <http://caioaba.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/6880>. Acesso em 22 de outubro.

BRASIL, Antônio. **CQC: telejornal ou programa de humor?** Comunique-se, o portal da comunicação, março. 2008. Disponível em: http://www.comunique-se.com.br/Conteudo/NewsShow.asp?idnot=43220&Editoria=286&Op2=1&Op3=0&pid=1&fnt=fnt_nl

CARNEIRO, Juliana Moreira; NILO, Adriana Tigre Lacerda. **“Proteste já” Como Um Estilo “Custe o Que Custar” de Fazer Jornalismo.** XII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-oeste, maio, 2010. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2010/resumos/R21-0483-1.pdf>

CHARON, Yvan. **A Entrevista na televisão.** Mem Martins, Portugal: Inquérito, 1995.

CURADO, Olga. **A Notícia na TV – O dia-a-dia de quem faz Telejornalismo.** São Paulo: Alegre, 2002.

DANTAS, Audálio. **Repórteres.** São Paulo: Senac Nacional, 2004.

GANZ, Pierre. **A reportagem em rádio e televisão.** Mem Martins, Portugal: Inquérito, 1995.

GOMES, Itania Maria Mota, GUTMANN, Juliana; SANTOS, Thiago E. Eles estão à solta, mas nós estamos correndo atrás: Jornalismo e entretenimento no Custe o que Custar. **in e-compos**

Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação, no. 2, ISSN: 1808-2599, maio/agosto 2008;

GOMES, Itania Maria Mota. Telejornalismo de Qualidade. Pressupostos teórico- metodológicos para análise **in e-compos** **Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-Graduação em Comunicação**, no. 6, ISSN: 1808-2599, agosto/2006;

GUTMANN, Juliana Freire, Santos, Thiago dos e Gomes, Itania Maria Mota. **Eles estão à solta, mas nós estamos correndo atrás**. Jornalismo e entretenimento no Custe o que Custar. Revista da E-Compós, Brasília, v. 11, n.2, maio/agosto. 2008. Disponível em: <http://www.compos.org.br/seer/index.php/e-compos/article/viewFile/331/286>

LAGE, Nilson. **A reportagem: teoria e técnica de entrevista e pesquisa jornalística**. Rio de Janeiro: Record, 2001a.

LAGE, Nilson. **Ideologia e Técnica da Notícia**. Florianópolis: Insular, Ed. Da UFSC, 2001b.

LUIZ, Thiago Cury. **Jornalismo e humor no CQC: estudo de caso do quadro Proteste já**. 2010. Dissertação (mestrado em Comunicação) - Faculdade de Comunicação da Universidade de Marília. Contexto histórico.

MEDINA, Cremilda de Araújo. **Entrevista: o diálogo possível**. 4. ed. São Paulo, SP: Ática, 2000.

PUHL, Paula Regina **O Viver Junto no Programa Profissão Repórter: O Afeto na Construção da Reportagem Televisiva**. Eco (UFRJ). , v.13, p.124 - 142, 2010.

ROSE, Diana. Análise das imagens em movimento. In: BAUER, Martin W;GASKELL, George (org). **Pequisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 343- 364.

ROSE, Diana. Análise das imagens em movimento. In: BAUER, Martin W;GASKELL, George (org). **Pequisa qualitativa com texto, imagem e som**. Petrópolis: Vozes, 2002. p. 343- 364.

SOUZA, José Carlos Aronchi de. **Gêneros e Formatos na televisão brasileira**. São Paulo: Summus, 2004.

VIZEU, Alfredo Pereira Júnior.**Decidindo o que é notícia: os bastidores do telejornalismo**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

YORKE, Ivor. **Jornalismo diante das câmeras**. 2. ed. São Paulo, SP: Summus, 1998.